

## COMENTÁRIOS SOBRE A *COISA* DE HEIDEGGER

Jorge dos Santos Lima\*

### **Resumo:**

Em que consiste algumas afirmações que condenam a obra de Heidegger como textos altamente complicados de se estabelecer uma compreensão clara sobre os temas abordados? Este é o nosso problema principal estudado aqui e pretendemos apontar sua solução a partir do texto *A coisa* de Heidegger. Desse modo, na medida em que se evidencia, em alguns estudantes, dificuldades de compreensão de um dos textos de Heidegger, adotamos como objetivo comentar algumas de suas objeções à objetividade científica e apresetar uma linha interpretativa das idéias orientadoras de *A coisa*.

**Palavras-chave:** Comentários. *A coisa*. Heidegger.

“O texto de Heidegger é mesmo complexo”, esta foi à frase orientadora de um dos debates informais ocorrido entre alunos de uma disciplina de doutorado que envolvia a leitura e discussão sobre o texto *A coisa* de Heidegger. Mas em que consiste esse “complexo”? Defende-se, aqui, que a resposta está no texto mesmo de Heidegger. Nesse sentido, tenta-se encontrar essa resposta na medida em que se comenta algumas das idéias orientadoras de *A coisa*. O objetivo desta análise não é o estabelecimento de um estudo detalhado sobre diferenças de traduções<sup>13</sup> ou de interpretações de “A coisa”, mas consiste simplesmente em duas etapas: 1) apresentar as idéias que orientam o texto; 2) entender porque muitos

---

\* Mestre e Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte – Brasil. E-mail: [prof.jorge@ufrnet.br](mailto:prof.jorge@ufrnet.br).

<sup>13</sup> Para expormos o que são, a nosso ver, essas idéias orientadoras, utilizamos três traduções. Demos prioridade à tradução espanhola de Eustaquio Barjau tendo como suporte, na escolha da definição dos termos, a tradução francesa de André Préau e a portuguesa de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Marcia Sá Cavalcante Schuback. A escolha acontece pelo fato do texto espanhol se apresentar como uma tradução mais compreensível e menos forçada do que as traduções portuguesas. Assim, colocamos alguns termos em confronto com as três traduções, principalmente com as de Préau e de Barjau, optando pela que melhor se apresentar segundo nosso modo de entender. Desde já, anotamos que o texto de Leão, Fogel e Schuback não será citado, mas servirá como ultimo recurso, caso necessário, na definição de alguns termos. Assim, todas as citações traduzidas, sem exceção, que sejam do texto em francês ou espanhol, são confrontadas e interpretadas criando uma tradução nossa. Como não é objetivo estabelecer uma crítica às traduções, utilizaremos livremente o requisito da subjetividade sem expormos críticas maiores aos termos confrontados. Esse confronto fica em aberto para ser desenvolvido em outros momentos. Faz bem salientar que nossa análise sobre *A Coisa*, um texto não tão novo na Filosofia, surge aqui no formato estilístico de um resumo expandido misturado com uma análise crítica a partir de considerações do autor. Assim, sem a preocupação com detalhes cronológicos e vida da obra e de Heidegger, o texto apresenta de início uma problema fora do texto *A coisa* para daí expor dinamicamente um resumo de algumas propostas de pensamento (idéias) da obra.

estudantes acham esse texto (e outros textos de Heidegger) complexo.

Heidegger começa seu escrito *A coisa* sem apresentar e sem questionar esse tema do título, antes, chama atenção para uma das conseqüências da tecnologia no século XX, isto é, para o encolhimento das distâncias promovidas pelo uso da tecnologia. Sustenta três argumentos: a) “A proximidade não consiste na distância”; b) o som de um rádio está perto, mas também está longe; c) “uma pequena distância não é próxima” (HEIDEGGER, 1994, p.1), assim como “uma grande distância não é também afastamento” (HEIDEGGER, 1958, p. 195)<sup>14</sup>. Desse modo, distingue “distância mínima” e “proximidade”<sup>15</sup> ao enfatizar que a supressão da distância não é o mesmo que o aproximar-se das coisas.

Ao percebermos que “todas as coisas” (p. 195) estão perto, também sentimos que não estamos próximos delas. Pode surgir dessa “sem-distancia” (p. 195) um terrível acontecimento (a ativação da bomba atômica por exemplo), pois, vendo o que está ocorrendo em um lugar longe, podemos agir naquele lugar sem estarmos próximos dele. Em outros termos, tudo está presente, mas a proximidade está ausente. Se a proximidade está ausente, como podemos alcançar o que está próximo? Se há “ausência” como podemos falar de “proximidade”? Afinal, como podemos experimentar a essência da proximidade, seu ser?<sup>16</sup> Heidegger percebe que para poder dizer algo sobre a “proximidade” é preciso refletir com grande acuidade. (HEIDEGGER, 1994, p.2)

O que se impõe de imediato nessa busca da proximidade é outra questão que também foge a qualquer imediatez. Essa outra questão trata daquilo “que está na proximidade” (p.2). O que está na proximidade são “as coisas”.

Agora Heidegger se volta para “a coisa”. O que é a coisa? Na tentativa de solucionar esse novo questionamento, utiliza a jarra como exemplo. Diz: “A jarra é uma coisa. O que é a jarra? Dizemos: um recipiente, algo que acolhe em si algo distinto dele” (p.2). A jarra como recipiente é uma coisa que acolhe em si mesmo algo diferente dela, assim, para Heidegger, a jarra não depende de alguém ou de algo, mas ela está em si e é autônoma. Ela não é uma coisa ou objeto no sentido kantiano (p.8), mas também não é uma forma no sentido de um modelo que se encontra suspensa quer seja no exterior ou interior do homem. A jarra, como

---

<sup>14</sup> Aqui a tradução de Préau acrescenta algo que não consta na tradução de Barjau, mas que achamos conveniente citar para reforçar a compreensão da distinção entre “mínima distancia” e “proximidade”. Lembramos que é nossa a tradução do texto de Préau para a língua portuguesa, assim como todas as demais traduções para o português. Préau acrescenta: “ Grande distance n’est pas encore éloignement” (HEIDEGGER. 1958. p.195).

<sup>15</sup> A palavra utilizada por Barjau é “cercania” e por Préau é “proximité”. Logo, demos preferência em português à palavra “proximidade”.

<sup>16</sup> A tradução francesa emprega o termo “être” (HEIDEGGER, 1958, p. 196) que se traduz por “ser”, porém utilizaremos a tradução espanhola com o termo “esencia” (HEIDEGGER, 1994, p. 2) que traduzimos por “essência”.

recipiente, está aí independente de qualquer tentativa de apreensão.

A jarra é um recipiente. Como recipiente, diz Heidegger, é necessário levarmos em consideração sua fabricação. Quando feita de barro, o artesão fabrica a jarra da “terra escolhida e preparada” (p.2) para tal fim. Uma vez que a jarra é produzida ela pode ser tomada como “coisa e em modo algum como um mero objeto” (p.2). Sendo produzida, fato este que deve ser levado em consideração na busca da essência da proximidade, a jarra continua autônoma. O artesão nunca tem poder sobre sua fabricação, pois, o que ele faz é conduzir a jarra ao que lhe é próprio, a coisa jarra.

A autonomia leva a jarra a um “estar em si” como recipiente (p.2). Essa autonomia revela o que é a coisa em si? Revela a coisicidade da coisa? A autonomia e a fabricação ainda bloqueiam a possibilidade de se pensar a coisa na sua coisicidade porque pode ascender interpretações que se respaldam na objetividade. É necessário sentir e pensar diferente.

Com a produção surge um aspecto que não pode ser objetivado. No ato do artesão produzir, a jarra se mostra deixando-se ser produzida. O que é “mostrado” não é um “eidos” de Platão, pois não subsiste fora da coisa. Esse “mostrado” é o que é próprio da essência da jarra e, assim, não pode ser fabricado porque repousa na própria coisa. (p.3)

Nesse não fabricado, reside a coisicidade da coisa<sup>17</sup>. Depois de criticar toda a tradição filosófica que tem início em Platão (p. 3), Heidegger não se pergunta sobre o que faz a jarra ser jarra, mas sobre o que torna a jarra um recipiente e, por conseguinte, uma coisa. Assim, diz: “a coisicidade da jarra descansa no fato de que ela é como o recipiente” (p.3). Nesse momento ele se põe contra a tradição filosófica que se restringe em objetivar as coisas

---

<sup>17</sup> “coisicidade” é geralmente o termo usado nas traduções, mas temos que compreender essa “coisicidade” não a partir do sufixo “-idade” uma vez que este é formador de substantivos abstratos a partir de adjetivos. Não se entenda “coisicidade” como “substantivo” pois assim poderíamos especular que essa “coisicidade” está voltada ao sujeito e é um conceito. Deve-se entender “coisicidade” não como um conceito, mas no sentido de “coisação” porque desse modo se mantém a força de uma ação verbal no seu perdurar da ação. Nesse sentido concordamos com Márcia Schuback (HEIDEGGER, 2008, p. 30) quando analisa a questão da tradução de *Dasein* em *Ser e Tempo*, ela diz: “O uso intensivo de *Anwesen* depois de *Ser e tempo* acompanha a busca de Heidegger de fazer aparecer a vitalidade do paradoxo da existência. Isto aparece na intensa verbalização-temporalização de palavras como *Wesen*, essência, *Welt*, mundo, *Nicht*, nada, *Ding*, coisa, onde essas palavras passam a ser usadas e a soar inusitadamente como verbo”. Entender “coisicidade” como substantivo é colocá-la na condição de conceito uma vez que este mantém em si um significado próprio estabelecido pelas relações com outros conceitos. Expor “coisicidade” como ação contínua que se realiza no seu ato de duração ou perduração, coloca essa “coisicidade” na condição de indefinido, mas que está sempre agindo na medida em que permanece na “coisa” como um campo aberto de possibilidades emanadas desse agir contínuo. Enquanto “coisicidade” como substantivo pode ainda ser lançado no contexto da linguagem metafísica, na medida em que metafísica pode ser entendida como um saber que define conceitos na sua relação sistemática dentro de um sistema de conceitos, interpretar “coisicidade” como “coisação” é uma postura que se insere fora dessa linguagem metafísica por manter-se enquanto uma ação no seu processo de duração, e neste caso, sem definição, o que foge de qualquer sistematicidade. Se Heidegger pretende apresentar uma filosofia fora da metafísica, é mais apropriado entender “coisicidade” como “coisação”. Portanto, por “coisicidade da coisa” entenda-se sempre “coisação da coisa”.

sem se preocupar com “as coisas como coisa”.

Observamos que o recipiente não consiste na matéria ou forma da qual a jarra é feita, mas em um algo que acolhe o derramado dentro da jarra. O que acolhe não são as paredes e o fundo, mas o vazio que se apossa do recipiente. Se pensarmos que a jarra é simplesmente jarra, uma jarra quebrada ainda é jarra, mas não é mais recipiente. E assim, ficaríamos limitados em objetivar a jarra. Olhar a jarra como recipiente, remete-nos a sentir a coisicidade da jarra. (p. 3). O recipiente, diz Heidegger, manifesta o vazio que há na jarra. Esse vazio apreende a coisicidade do recipiente. O artesão, no ato de produzir, não está modelando a jarra, mas modela o vazio que naquele momento encontra-se em processo de delimitação para acolher outro algo.

Porém, Heidegger pergunta, há realmente um vazio na jarra? A ciência demonstra que a jarra nunca está vazia, o que acontece é a substituição do ar por outro conteúdo. Na compreensão científica não há nem vazio e nem coisa no recipiente, a “coisa enquanto coisa é algo nulo. A coisicidade da coisa permanece oculta, olvidada” (p.4). Desse modo, o real estabelecido pela ciência não é o real da jarra. A ciência só consegue encontrar o que é representado como possível objeto dela. A coisicidade da coisa, e no caso em questão, da jarra, não é objeto da ciência. A “coisa” não pode ser encontrada pela linguagem científica. (p.4)

Neste momento daremos uma pausa para voltarmos à nossa primeira pergunta: “em que consiste esse ‘complexo’?” A complexidade do texto *A coisa* de Heidegger certamente se impõe a quem vive embrulhado na linguagem científica. Estudantes de doutorado estão necessariamente em preparação para a pesquisa segundo padrões científicos. O contexto que esses estudantes vivem é científico: são normas científicas que modelam a estrutura da escrita; é a estrutura curricular de seus Cursos que segue uma normatização e critérios de organização segundo padrões de objetividade; são professores, alunos e Cursos que recebem uma melhor qualificação de acordo com o bom desenvolvimento de suas “produções”; por fim, são as instituições que estão voltadas à formação de cientista e a promoção do avanço científico que se encarregam da formação de pesquisadores em filosofia. Como Heidegger em *A coisa* (e outros escritos) estabelece forte crítica ao modo de pensar filosofia segundo o estilo científico, podemos especular que o sentimento de complexidade sobre esse texto se deve ao fato de que nós, que enfatizamos essa complexidade, respiramos desde a graduação (ou desde a educação infantil) o ar da ciência. <sup>18</sup>Em *A coisa* Heidegger faz mais que uma reflexão sobre “a coisa”,

---

<sup>18</sup> Lembre-se que a educação sistemática começa com o processo de alfabetização. Sem a alfabetização mínima o indivíduo não pode desempenhar plenamente sua condição de cidadão. Assim, não pode usufruir plenamente

ele nos propõe outro modo de pensar filosoficamente. Encontrar a essência da coisa não é encontrar o que é a coisa. Correr no encontro dessa essência é perder-se no mundo revelado por ela. Assim, é possível supor acertadamente que Heidegger propõe o abandono da linguagem objetiva ao assumir uma linguagem que exclui o que é próprio do mundo da ciência. Portanto, O texto *A coisa* se desenvolve poeticamente, mas com uma poesia solta e livre em que os padrões científicos de clareza e objetividade se mantêm excluídos.

Como dizemos, ao questionar sobre a coisicidade da coisa Heidegger propõe a superação da ciência. É necessário que a ciência, já revelada na linguagem científica, seja descartada para que aquilo que ela oculta seja revelado. A “ coisa” está oculta pela ciência, mas nesse ocultamento ela pode revelar-se. Para a coisa se revelar é necessário extrair o que a oculta, assim, é necessário descartar a ciência. (p.4)

Após desconsiderar a ciência, Heidegger retoma a pergunta: “que é a coisa como coisa? [...] “Que é a proximidade?” (p.5). Nessa retomada lembra que como a coisicidade da coisa e a proximidade não podem ser compreendidas, elas podem ser experienciadas. Para experienciar a proximidade e a coisa é que “temos perguntado sobre a jarra que está na proximidade” (p.5). Pela ciência vimos a jarra como um recipiente sempre cheio, agora é preciso ver a jarra como um recipiente que acolhe algo em seu vazio.

Heidegger diz que “o vazio acolhe de modo duplo: tomando e retendo” (p.5). Este tomar e reter torna-se uma unidade no vazio do recipiente. Para confirmar o destino da jarra, essa unidade tem como fim o verter, ou seja, o inclinar para derramar aquilo que é acolhido. Esse verter, não é um simples derramar, é o próprio oferecer algo a alguém, é presentear. (p.5)

O acolher da jarra “desdobra sua essência”<sup>19</sup> no despejar que é oferecido para beber. Dessa forma, o acolher necessita do vazio como também necessita daquilo que acolhe. Oferecer, portanto, é mais que derramar o acolhido. No oferecer, o caráter da jarra enquanto jarra desdobra sua essência. Só quando o duplo aspecto do acolhendo (tomando e retendo) se une ao vertendo é que se constitui a plena essência do oferecer.

O que é oferecido em uma jarra pode ser água ou vinho. Essa água ou esse vinho,

---

dos benefícios da vida social que está ordenada pelos padrões de objetividade e subjetividade científicos. Nesse contexto, apenas em nível de problematização, colocamos que o modo de expressão científica segue do menos alfabetizado por participação mesmo que deficiente no processo de alfabetização e, portanto, dos meios de produção industrial e científica, ao homem não alfabetizado por ser excluído dos benefícios concedidos unicamente aos alfabetizados. Em suma, concordamos com Heidegger que nossa vida está lançada no mar de princípios derivados do modo de vida científico.

<sup>19</sup> Essa expressão “desdobra sua essência” é resultado do confronto da expressão da tradução de Préau com a tradução de Barjau. Préau escreve “le ‘contenir’ lui-même **déplie son être**” (Heidegger, 1958, p. 202. Grifo nosso), enquanto Barjau coloca simplesmente “el acoger mismo **esencia**” (Heidegger, 1994, p. 5. Grifo nosso). Assim, para facilitar o entendimento, achamos plausível reunir “**déplie**” com “essência” para passar a idéia de que a essência está em seu estado de brotação.

sempre segundo Heidegger, trazem consigo desde o orvalho que se debruça sobre a folha de uma videira, até a terra e montanhas por onde passam a água. A água e o vinho envolvem desde o arrancar do fruto até o cultuar dos deuses nos templos mais distantes do mundo. O recipiente, em seu vazio, que acolhe água ou vinho, reúne céu e terra, mortais e imortais. Cada um destes, em si, reúne todos os outros. O recipiente, portanto, envolve em uma unidade a totalidade das coisas na medida em que une contrários como céu e terra, mortais e divinos, numa quaternidade. No oferecer do que é derramado, todas as coisas se encontram em “única quaternidade”. (p.6)

O estilo poético filosófico de Heidegger trás a totalidade das coisas para ser experienciada como unidade através da jarra. Assim, a jarra é uma coisa igualmente ao que ela reúne (Heidegger, 1958, p.211). Nesse sentido, como a jarra é coisa por fazer coisa (Heidegger, 1994, p.9), a coisa é coisa por reunir em si a própria coisa.<sup>20</sup>

Heidegger acredita ter indicado em que consiste a essência da jarra, mas antes, o esforço era para encontrar a essência da proximidade. Conseqüentemente, no encontro da essência da jarra se revela a essência da proximidade. Se a coisa reúne, e no instante da reunião retém a quaternidade, toma e retém em si, assim como também participa, a totalidade das coisas. Ao reunir, a coisa aproxima céu e terra, mortais e imortais, no seio da totalidade das coisas. Esse aproximar é a essência da proximidade. (p.9)

Heidegger começa o texto *A coisa* com a questão da tecnologia. Afirma que da tecnologia alcançamos a diminuição das distancias. Dessa diminuição, sobrevém o sentimento de ausência de proximidade a qual indica um questionar sobre as coisas. Para analisar a coisa, utiliza a jarra como recipiente. Da jarra como recipiente, chega ao vazio. Na análise do vazio do recipiente, coloca em debate a objetividade da ciência. A ciência é descartada para que a coisa se revele na sua coisicidade. Ao desconsiderar a ciência, Heidegger dar existência ao vazio que nos remete ao acolher. Assim, percebe o acolhido na ação dupla de tomar e reter do acolher. Nessa situação, o acolhido se realiza no oferecer, no presentear. O desdobrar da essência do presentear reúne em si céu e terra, mortais e imortais na unidade da quaternidade. Quaternidade que se define no seio da totalidade das coisas. Nessa reunião a jarra se realiza como coisa que é coisa na totalidade das coisas. Essa coisa que faz coisa revela o aproximar como essência da proximidade. (p. 9-11)

---

<sup>20</sup> A tradução francesa enfatiza o aspecto da jarra ser coisa por participar da coisa: “La cruche est une chose pour autant qu’elle rassemble” (Heidegger, 1958, p.211); enquanto o texto em espanhol nos remete a atividade da jarra se fazer coisa, na medida em que faz coisa: “La jarra es una cosa en la medida en que hace cosa” (Heidegger, 1994, p.9). Assim, optamos propor um texto nosso que permitisse enfatizar tanto a idéia da jarra ser coisa tal como aquilo que ela reúne, como a idéia de que nesse reunir, ela faz coisa e, nesse fazer, ela torna-se coisa.

Podemos dizer que Heidegger constrói seu texto com um questionamento que segue da proximidade até a proximidade da mesma forma de que a volta de um anel retorna para o lugar de onde se inicia ou como “um passo dado para trás que vai de um pensamento a outro” (p. 12) atento à unidade envolvente da totalidade das coisas.

Em suma, Heidegger termina seu escrito indicando o que poderia ser a resposta a sua pergunta sobre a essência da proximidade, porém, deixa em aberto a questão que se refere ao título de seu escrito. Resta ainda em suspenso a pergunta: “quando e como as coisas são coisas?” (p.11). Assim, voltando-se para o ponto inicial de onde começou a busca pela essência da proximidade ao questionar sobre o “quando” e o “como” da coisa, há uma nova abertura que ainda pretende se desenvolver pela volta do anel. Supomos, portanto, que a proposta para um pensar filosófico fora da linguagem objetiva da ciência é este andar pela volta do anel como um pensar que sempre se fecha, mas que sempre se mantém aberto. Um pensar em que qualquer ponto é seu início, seu desenvolvimento, seu fim e seu recomeço, pois, todas as coisas são sempre “modestas e de pouca monta” (p.12) na medida em que se lançam poeticamente na totalidade do mundo.

## REFERÊNCIAS

HEIDEGGER, Martin. A coisa. In: \_\_\_\_\_. *Ensaaios e conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002.

HEIDEGGER, Martin. La chose. In: \_\_\_\_\_. *Essais et conférences*. Trad. André Préau. Paris: Gallimard, 1958.

HEIDEGGER, M. La cosa. In: \_\_\_\_\_. *Conferencias y artículos*. Trad. Eustaquio Barjau. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1994. Disponível em: <  
[http://www.heideggeriana.com.ar/textos/la\\_cosa.htm](http://www.heideggeriana.com.ar/textos/la_cosa.htm)> Acesso em: 03 dez. 2009.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schubac. 3.ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008.